O AVESSO DO CASAMENTO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA DO CELIBATO CAMPONÊS FEMININO

LELIA LOFEGO RODRIGUES
Mestre em Antropologia pela
Universidade de Brasília

O celibato é, diante do casamento, uma condição social e teoricamente invisibilizada. O presente texto[1] contribui, penso, para preencher parte do "vazio etnográfico" sobre o não-casamento, especialmente no que se refere às camponesas celibatárias.

O trabalho de campo que resultou neste texto, foi feito nos meses de abril/maio e outubro/novembro de 1989, em Venda Nova do Imigrante, município da região serrana do Estado do Espirito Santo, de colonização italiana e católico. O celibato foi informado, portanto, por uma tradição camponesa, católica e italiana. Foi "lido" por mim, através da memória dos herdeiros dessa tradição, que localizaram a prática intensa do celibato — eclesiástico e laico — no chamado "tempo antigo"; período que vai do início da colonização, no final do século passado, até, aproximadamente, a década de 70, com a construção da rodovia BR-262, que levou a Venda Nova do Imigrante outros tempos.

Devido a padrões específicos que regem patrimônio e matrimônio (este sempre submetido àquele), o celibato era, antigamente, no tempo exclusivo do trabalho familiar e braçal na terra, assim como era também o casamento,

---

1. Derivado de minha dissertação de mestrado em Antropologia (Rodrigues 1991), este texto foi apresentado na XVIII Reunião Brasileira de Antropologia, no Grupo de Trabalho Antropologia do Campesinato, em 1992.

Anuário Antropológico/91
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993

uma prática camponesa de reprodução social; ou seja, do não-retalhamento da pequena propriedade (30 hectares). Casais e celibatários eram construídos de acordo com os interesses da Casa Camponesa: família, herança, terra, dote... "faziam" casamentos e celibatos. Os celibatários eram "naturalmente" deserdados da terra. Os eclesiásticos — padres e freiras — iam para a Igreja Católica; os laicos — tios e tias — permaneciam na Casa Paterna.

Os celibatários sofrem uma espécie de infantilização, por não terem gerado as rupturas do matrimônio e da procriação, tão importantes na referida comunidade e nas sociedades camponesas em geral; ritos de passagem para a "maioridade", para o mundo dos adultos e que referenciam, no tempo e no espaço, as pessoas da Casa Camponesa. Celibatários e celibatárias não são considerados plenos, já que não-pais e não-mães de família; quando muito... mães-solteiras de filhos bastardos.

O celibato eclesiástico e laico, masculino e feminino, altruísta e egoísta, são construídos e percebidos como condições avessas do casamento. A relação que as pessoas celibatárias mantêm com tais construções e percepções sociais é representada em suas falas e em seus silêncios, em sua religiosidade e em suas fantasias. Dentro de um contexto mais amplo, que localiza o celibato enquanto uma "estratégia de sobrevivência", esta leitura antropológica detém-se sobre os significados simbólicos do celibato feminino, que vieram à tona no trabalho de campo. Espero não ter ofendido nenhuma das pessoas que tornei personagem deste texto.

Invictas e convictos

> Um homem nunca fica pra casar! Porque ele casa a hora que ele quer!
>
> (Sr. O.V.)

O celibato é uma condição muito expressiva da construção diferenciada dos gêneros e de quanto essas diferenças são percebidas socialmente e vivenciadas intimamente como expressões naturais, e não como construções culturais, do feminino e do masculino. A fala, o silêncio, o gesto, o sentimento impressos no texto etnográfico são um veio rico para leituras que buscam conhecer e (des)construir objetos obscuros, não iluminados (como é

o celibato diante do casamento). Esse veio de significações toma forma nas categorias que estruturam o discurso nativo. No rastro dessas categorias, da sua profundeza e do modo corriqueiro e cotidiano como se verbalizam na voz de um interlocutor, pretendo ensaiar algumas interpretações sobre como vivem e como são percebidos distintamente as celibatárias e os celibatários descendentes dos camponeses que imigraram, há cem anos, para o estado do Espírito Santo.

A fala do padre de Venda Nova do Imigrante, sobre celibatários laicos, é estruturada sobre dois pólos significativos, o *altruísmo* e o *egoísmo* da condição:

> Nós temos vários exemplos aqui de pessoas excelentes. Tivemos e temos ainda, são excelentes pessoas que se conservam celibatárias. E eu acho que é uma coisa boa, ninguém é obrigado a..., não é? Agora, que não seja um celibato assim, que o camarada fique com uma mulher todo dia. Porque aqui o cara que é celibatário, pode ser que tenha tido suas aventuras de vez em quando, a fraqueza é grande... mas se conservam muito íntegros. Ele se conserva celibatário, mas ele já tem o ideal a favor do outro, do próximo, do camarada, da comunidade. Se ele deixa de casar, simplesmente porque não quer saber de mulher, ou então porque se ele casar vai ter problemas com a mulher, com os filhos, então, ele egoisticamente deixa de casar para ter uma vida mais folgada, aí eu acho que não está certo. E, para mim, o cara só é celibatário depois dos 40 anos, porque até esta idade, hoje, o rapaz, o homem, ele só quer gozar a vida.

Estas duas qualidades diferenciam os gêneros, dentro de uma escala que vai do positivo ao negativo, na medida em que mais desvaloriza o pólo egoísta, quando este qualifica o gênero feminino, como mostra o exemplo a seguir.

A "ovelha negra" é um dos personagens celibatários de destaque, reservado às mulheres, na medida em que é definição pejorativa da mãe-solteira, mulher que torna público o exercício da sexualidade fora do casamento, gerando descendência bastarda e desonrando o pai (a família). No extremo, tal personagem, que praticou um ato puramente instintual (e portanto egoísta), dado que em condição não abençoada, pode ser considerado ou mesmo levado a ser de fato, uma mulher de vida mundana. Para melhor contextualizar e ilustrar esse personagem "público", vejamos resumidamente alguns fatos da história de vida de Angelina, uma ovelha desgarrada:

> Eles queriam, os meus irmãos, queriam me colocar na Esplanada, em Castelo, né? Esplanada é lugar de puta! Mas eu não era puta! Eu tive o meu filho e nunca mais andei com homem; e tenho fé em Deus de nunca mais andar!
>
> Bom, daí eu meti a cara: "seja o que Deus quiser, o diabo fecha uma porta, Deus vai abrir duas". Aí, me apanharam para trabalhar em uma casa, de empregada. Mas me puseram dormindo no terraço, dormi no terraço um ano e três meses. Sem luz, sem nada... eu comprei uma lamparina, comprava querosene... e ali eu dormia mais o meu filho; passava um medo doido! Dava temporal, levantava as telhas, derrubava, arrancava... e eu enrolava ele, ficava com ele no colo, pronta para correr, né? Passei uma que só Deus sabe!
>
> Depois, eu vim para a casa dessa irmã minha. Eu estou nas garras dela até hoje, sofro que nem uma condenada, mas pelo menos estou colocada. Eu tenho que tomar esse remédio controlado porque ninguém sabe me levar, minha família é ferro e fogo, ferro e fogo, não tem jeito. Eu sou obrigada a engulir, eu abaixo a minha cabeça, penso logo em Deus, me entrego para Ele, né? Meu Deus! Mas dá para a gente viver nesse mundo? A minha vida inteira eu vivi encostada na parede, sem saída.
>
> Sábado passado, eu cheguei em casa, de noite... eu ganhei uma sandália bonita, preta... eu coloquei a minha sandália no pé e dancei um pouquinho. Dancei e cantei mais o neném! Eu pulava em cima dele, em cima da cama, e nós fizemos aquela anarquia, dançando e cantando, sabe? Aí, no domingo, eu ia pegar água para lavar minhas vasilhas e a minha irmã falou: "o que você fez sábado à noite? Acho que o demônio te pegou na cama essa noite, heim?"; eu falei: "eu não sei de nada, eu dormi normalmente, acordei e estou aqui, sã e salva!"; aí, ela falou assim: "você reza muito, mas você reza sem fé, você não tem fé, porque, se você tivesse fé, não tinha acontecido o que aconteceu essa noite no seu quarto, você urrava!". Ela disse que eu gemia, urrava, fazia tudo! Aí, eu virei para ela e disse assim: "quem já está do lado dele, ele não quer mesmo, não. O demônio quer é uma pessoa assim mesmo; porque eu vou na igreja, eu rezo, eu vou ensinar o meu filho a rezar... quem já está com o demônio, ele não quer mais, não. Ele quer é quem está mais afastado mesmo, né? Aquilo tudo que você escutou, não foi no meu quarto, não. Porque o meu litro de água benta, eu não tenho mais, de tanto jogar, e de manhã cedo, quando eu saio para trabalhar, eu já vou rezando o Creio! Agora, eu sozinha não dou conta de expulsar o demônio, não; porque quem vive chamando o nome dele não sou eu não!".

Angelina, uma colona hoje com cerca de 40 anos de idade, foi considerada por sua família, a partir de sua gravidez ilegítima, uma mulher mundana. Entregue a Deus, que lhe abriu uma porta, foi "acolhida" como doméstica, passando, no entanto, a habitar um espaço fora da casa: o terraço, um lugar destelhado. A segunda porta aberta por Deus levou Angelina à casa de sua única irmã, onde passou a ter um quarto. A ovelha desgarrada passa, então, às garras da irmã. Tratada pela família a ferro e fogo, Angelina tornou-se

uma mulher descontrolada, sofria dos "nervos", ou melhor, da natureza. A anarquia ocorrida em seu quarto, no sábado à noite, foi interpretada pela dona da casa como um verdadeiro sabá. Os sons emitidos por Angelina, quando, enclausurada em seu quarto, dançava sobre sua sandália preta e cantava com seu filho bastardo, foram ouvidos por sua irmã, legítima esposa, dona de casa e mãe, como sons animalescos: urros. Considerada uma rezadeira sem fé, é acusada de, no sábado à noite, ter recebido um íncubo em sua cama. Do lado de Deus, considera-se, por isso, desejada pelo demônio, mas defende-se com o Creio e a água-benta. A história de Angelina em muito se parece com uma história dos tempos medievais, dos tempos da caça às bruxas; certamente as raízes de um imaginário povoado por íncubos e súcubos, revelado no *Malleus Maleficarum*, ainda dão frutos:

> Pois quando as moças se corromperam e foram desprezadas por seus amantes, depois de terem imodestamente copulado com eles na esperança da promessa de casamento e se encontraram desiludidas de todas as suas esperanças e desdenhadas em todas as partes, elas se voltaram para o auxílio e proteção do diabo, quer com finalidade de vingança, enfeitiçando seus amantes ou as mulheres que eles desposaram, quer com finalidade de se entregarem a toda sorte de torpezas (Kramer & Sprenger 1976: 33).

Por trás dessa luta entre o sagrado e o sacrílego está o celibato, em torno do qual se constrói o gênero feminino, cuja sexualidade não deve ser tornada pública. Ser considerada uma mulher pública, ou melhor, mundana, significa ser considerada uma mulher que caiu no mundo, cedendo aos prazeres da carne (egoísmo): a queda no impuro. O mesmo não ocorre com o homem, nele "nada agarra", ou seja, um homem não fica grávido. Tornar-se público, nesse caso, é, ao contrário, desprender-se do mundo (carnal) e subir ao céu (espiritual), ou seja, tornar-se um celibatário eclesiástico (altruísmo): purificar-se. Pode-se dizer que a mulher (não casada) se torna pública pelo exercício da sexualidade, enquanto o homem (não casado) se torna público não exercendo a sexualidade. Na escala que torna positiva ou negativa a condição celibatária, Angelina encontra-se absolutamente negativada.

Os gêneros, como são referenciados no casamento, também o são no celibato, a cada qual cabe um papel, como nos seguintes pares antagônicos: solteirona/solteirão, invicta/convicto, carola/padre, mulher mundana/homem público etc. As expressões solteirona, titia, carola, invicta etc., que retratam

os celibatos femininos considerados altruístas — em prol do próximo e não de si mesmo —, se comparadas aos seus correspondentes masculinos, solteirão, dom Juan, convicto etc., tornam-se expressões jocosas, quase ofensas verbais, ao contrário das que designam o celibato do homem, que o qualificam positivamente. A diferença é imposta pelo motivo do celibato: para eles, uma opção; para elas, uma falta de opção — ainda que tornada altruísta. No registro a seguir, emergem algumas categorias bastante indicativas da naturalização e da percepção jocosa do celibato da mulher. Trata-se de uma conversa com três camponeses — casados, em torno de 50 anos, netos de "nonos", isto é, dos italianos imigrantes — sobre celibatos, a partir de comentários sobre a condição celibatária de uma velhinha que descia a escadaria do cemitério local:

O.V.: Ela não casou, pelo que a gente sabe, porque... geralmente, não são todas que têm a sorte de casar, né? Ela não casou, nunca namorou, não teve oportunidade, a idade foi chegando e foi passando. E isso está acontecendo e vai acontecer mais. Não é ela sozinha, aqui tem várias.

A.F.: Todas elas podem ficar servidas. Algumas sempre ficam.

O.V.: Para dar demonstração, né?

(risos)

A.F.: Não são todas que casam, né?

O.V.: As moças, geralmente, que não casam, a gente fala que "fica pra titia".

Eu: E os moços?

O.V.: Não, os homens... geralmente não tem; porque um homem nunca fica pra casar! Porque ele casa a hora que ele quer! Geralmente um homem tem mais facilidade.

J.C.: As moças; costuma assim: quando elas ficam velhas, então elas vão estudar pra ser irmã de caridade. Não deu pra elas, coitadinhas, tem que partir pra essas coisas mesmo.

A.F.: Se não deu para uma coisa, tem que servir para outra.

J.C.: Mas depois que perdeu o ônibus, então, a maior parte paga para ser carola.

Eu: Um solteiro, naquela época...

O.V.: Era muito difícil! Muito mais difícil! Porque... pra você conseguir botar uma mão em cima de uma mulher, naquela época; vou te contar uma coisa...

J.C.: Seria mais, assim, nas curvas de estrada, né?

O.V.: E essas curvas; pra existir? Porque eu sempre conto lá em casa que meu pai nunca me deixou ir em um baile de noite. Eu falo até que eu acho que ele pensava que eu ficasse grávido!

A.F.: Quando eu saí de casa, solteiro, papai falava assim, que se eu fizesse uma coisa errada, eu tinha que assumir. Até com uma preta, se eu fizesse um filho com uma preta, eu tinha que assumir um compromisso com ela, porque ele não ia me dar apoio. Naquela época, quando eu fui para o Exército; nossa Senhora! Mas tinha cada uma morenona bonita! Elas queriam... "A., vamos comigo lá dentro!"; eu tinha que fazer o que? Correr delas! Eu tinha medo de mulher quando eu era solteiro, digo com sinceridade, eu tinha medo de moça!

Ainda que as falas anteriormente registradas sejam masculinas, as categorias que as estruturam são representativas de uma percepção social (dado que as mulheres compartilham de um ponto de vista machista) sobre as mulheres celibatárias. A sorte de casar (ou o azar de não casar), por exemplo, só é relacionada ao celibato feminino, posto que não opcional. Ao homem, os desígnios da sorte não contam, seu celibato é uma opção, uma convicção. A solteira foi destinada ao celibato, enquanto o celibato do solteiro foi conquistado. O passar do tempo só é justificativa para o celibato feminino, pois é a mulher que passa do tempo de casar; o homem faz a sua hora. O homem é senhor do seu tempo; a mulher é escrava. O tempo surge, portanto, como uma categoria que constrói os gêneros de maneira diferenciada, dentro de uma concepção social que radicaliza e alarga a diferença entre os ciclos biológicos de fertilidade: é a celibatária que passa do tempo de "ser fertilizada", quando "caiu de madura", e não o celibatário que passa do tempo de "fertilizar". O homem é senhor do seu corpo; a mulher é escrava. "Ficar pra titia" é um modo de dizer ficar "estéril" e, já que não filhos, sobrinhos. Assim como "perder o ônibus" marca no tempo a improbabilidade do casamento. A mulher que passa da idade fica pra titia e perde o ônibus, não gera descendência própria. A ela, então, "coitadinha", resta estudar para ser irmã de caridade (freira) ou "pagar" para ser carola. Tudo isso é motivo de pena ou de risos, a celibatária é a *invicta* que ainda não conseguiu casar; ao contrário do celibatário que, *convicto* de sua condição e de seu "egoísmo", conseguiu, até agora, não casar.

"Algumas moças ficam servidas, para dar demonstração". Uma outra categoria nativa bastante interessante, construtora de diferenças entre gêneros, é a categoria *servir*. Se uma mulher não tem serventia para uma coisa — a conjugalidade e a maternidade —, tem que servir para outra: torna-se tia, carola, freira etc. A celibatária é aquela que ficou servida, aquela a quem não serviram, ou aquela que recusou uma oferta, aquela que não se

fartou, não se banqueteou, numa clara alusão à sua individualidade e à sua sexualidade. Ficar servida é dar demonstração, obviamente de virgindade, o que provoca risos. No extremo oposto, a celibatária é também a que serve à casa paterna, aos pais, aos sobrinhos e, se "mulher de padre", aquela que serve à casa paroquial, a carola que serve ao padre. Como disse o meu interlocutor padre, o celibato altruísta, aquele celibato que serve ao próximo, é visto pela igreja com muita nobreza; ao contrário do celibato egoísta, que recusa servir ao próximo e quer só gozar a vida, o gozo que individualiza, sensualiza.

Duas das personagens celibatárias, a freira e a tia, podem ser vistas também através da categoria servir: a tia, que presta serviços domésticos, é uma serva do lar; a freira, que presta serviços espirituais, é uma serva de Deus. Nota-se que um desses celibatos é considerado mais altruísta e nobre do que o outro. Desde as normas redigidas no ano de 513 por São Cesário, para as religiosas agrupadas em torno do primeiro mosteiro de mulheres da Gália, o celibato eclesiástico feminino vem sendo submetido, sistematicamente, ao altruísmo:

> [...] o que interessa é a vontade de renúncia, de desprendimento de si, que marca também a regra de São Bento. Sem dúvida que esta é verdadeiramente a forma de austeridade mais dura. Pelo menos é motivada pelo amor absoluto, que não guarda nada para si: não tem vestuário pessoal, nem dinheiro, nem quarto particular, ter dado tudo o que se possuía antes de entrar no mosteiro, tais são os artigos sobre os quais São Cesário insiste (Pernoud 1984: 32).

Atualmente, como bem notou Grossi, estudando as etapas da vida religiosa em um convento no Estado de Santa Catarina, a renúncia, a negação do eu pelo próximo, é como que inscrito no próprio corpo das aspirantes, deformando-o:

> Uma das marcas que esta primeira fase deixa nas aspirantes é a modificação física de seus corpos, a maioria delas engorda assustadoramente neste período. Elas inscrevem no próprio corpo uma das regras da vida religiosa que é transformar o "corpo desejante" em "espírito desejante" (Grossi 1989: 40).

A renúncia — do vestiário ao corpo — demonstra a vocação religiosa, o desejo da santidade: nascidas para servir ao próximo e não para serem ser-

vidas. Renunciando publicamente à carne, mais valorizado é o celibato feminino, quando eclesiástico. As celibatárias laicas, que se encontram em uma posição intermediária (e, portanto, ambígua) entre religiosas e mundanas, sofrem, como foi visto em Venda Nova do Imigrante, influências dessa aura de castidade, sendo, contudo, ridicularizadas.

A categoria servir[2] nos remete também à associação entre a comensalidade e a sexualidade; e como,

> Repetidamente os antropólogos têm observado que existe uma tendência universal para fazer associação ritual e verbal entre o comer e a relação sexual (Leach 1983: 184),

vale à pena explorar um pouco mais tal associação, através dos "serviços". Um dos principais serviços que a solteirona presta à casa paterna refere-se à mesa: ela ajuda na produção e na administração da comida que será servida à mesa; desde trabalhar na roça, buscar a lenha e engordar os porcos, até a própria feitura do alimento, na cozinha que, embora possa ficar ao encargo da dona da casa, seja ela a "mama" ou a "mulher do irmão", é sempre um espaço doméstico compartilhado preferencialmente pelas mulheres da casa. Uma das funções da celibatária é, no que diz respeito à comensalidade, servir, alimentar. Uma função, além de interminável e repetitiva, também desconsiderada, dada que do cotidiano doméstico. Destinada a manter viva, dia-a-dia, a família, muitas vezes vista como mera ajudante da dona da casa na cozinha, dado que esta é investida de autoridade com relação àquela, o trabalho da "irmã do marido" é invisibilizado.

A categoria servir tem ainda uma conotação sexual. A celibatária, que serve o corpo dos outros, no sentido comensal, não é "servida", no sentido sexual; "fica servida", o verbo "ficar" expressa aí uma ação que não foi sofrida. A expressão é bastante significativa da construção do celibato feminino, de como essa condição, para aquelas camponesas, é associada à atemporalidade e à assexualidade. Enquanto *ficar* tem o sentido temporal, *servir* tem o sentido sexual; ficar servida é como um negativo: atemporal — "passar do tempo" — e assexual — "dar demonstração". Essa categoria é indica-

2. Sobre essa categoria informativa também da vida sexual dos sertanejos, ver Santos (1990: cap. V).

tiva, portanto, da domesticidade, da comensalidade e da sexualidade: serviços que devem ser prestados pela celibatária; serviços que devem ser recusados à celibatária.

Fazer um estudo do celibato não significa fazer um estudo da castidade, embora as Escrituras Sagradas tenham vinculado essas duas condições — uma refere-se à conjugalidade e a outra à sexualidade — da mesma forma que vinculou o matrimônio à procriação. Daí, portanto, a importância de perceber esse vínculo como algo naturalizado e chamar atenção para sua milenar construção cultural. O estudo da sexualidade daquelas celibatárias não é o meu intuito; contudo, através de algumas falas dos vendanovenses, temos um pequeno indício de como foram educados os imigrantes fundadores de Venda Nova, e de como estes educam seus descendentes. A partir de então, podemos indagar sobre a imposição da abstinência sexual aos celibatários, em particular, às celibatárias, como algo percebido como inerente à condição e espelhado na conduta sexual pública dos celibatários eclesiásticos.

Para melhor localizar as falas sobre sexualidade, friso que os depoimentos da segunda geração nascida em Venda Nova do Imigrante remetem a um tempo antigo, no qual o simples "olhar do pai educa o filho", tempo que os educou também sexualmente. O tempo da obediência cega ao pai (e, portanto, aos valores morais, dos quais o pai era o guardião), muitas vezes através da autoridade gestual do olhar paterno, arrefecia a vontade individual, constrangia a discórida entre gerações:

> O respeito e a obediência não nos custavam grandes sacrifícios. Os pais impunham a autoridade com amor, e nós retribuíamos com uma obediência cega, como prova de amor e confiança (Zandonadi 1980: 87).

O depoimento do padre mais antigo do município, citando a Bíblia, conta que:

> Naquele tempo, o pai que poupava a vara ao filho desobediente não era pai, era um carrasco.

A casa paterna e a casa de Deus comungavam da mesma tradição do tempo da vara, um instrumento sem dúvida bem mais constrangedor do que o

simples olhar paterno. Nesse clima, a repressão sexual não agia somente sobre as mulheres; os homens solteiros eram educados com "medo de mulher", "colocar a mão em cima de uma mulher" era um feito raro, coisa que só acontecia nas "curvas de estrada", ou seja, na rua, nunca na casa, como relembra Zandonadi:

> O namoro só era permitido sob austera vigilância, tanto por parte dos pais da moça quanto dos do rapaz. (...) era um verdadeiro escândalo encontrar-se um par de namorados perambulando pelas estradas, à noite (Zandonadi 1980: 87).

Os filhos deviam obediência à moral sexual que, formulada pela igreja cristã, invadira secularmente a casa camponesa. Entre os descendentes de italianos, o ato sexual antes do casamento era moralmente e socialmente condenado, com maiores prejuízos para as mulheres, caso engravidassem.

A seguinte entrevista de um casal de netos de italianos, Sra. N.T. e Sr. F.T., feita pelo Sr. A.F., compadre do casal, que espontaneamente passou de entrevistado a entrevistador, mostra, de forma caricata, o comportamento dos "nonos" e de seus netos, em relação às práticas sexuais:

> A.F.: Quando vocês foram deitar juntos, pela primera vez, vocês tinham medo?
>
> N.T.: Medo? Eu quase caí de costas!
>
> A.F.: Por que?
>
> N.T.: Ah, eu não sabia de nada, né? Depois que eu me fiz noiva é que ele me deu o primeiro beijo. No rosto!
>
> F.T.: Naquela época, a gente não pegava nem na mão! Era muito difícil, só em lugar escondido.
>
> N.T.: Naquela época era assim: o primeiro beijo que ele me deu foi no rosto, né? Então, eu pensei assim: "Gente! Se ele me deixar, me largar, eu nunca mais arrumo namorado!" Naquela época, mamãe... era um lá e outro cá! De mão dada, não andava, né? Mas, se eu morrer e voltar de novo, eu quero voltar homem, eu vou desforrar todos os atrasados!
>
> A.F.: Mas eu queria também contar uma história do meu tio. Ele nunca deu um beijo na mulher dele!
>
> F.T.: Quando ele fazia o negócio...
>
> N.F.: É verdade. Perguntaram se ele já tinha conhecido a perereca dela; ele falou que nunca tinha visto, nem de noite, nem de dia.
>
> A.F.: Ele disse que sempre fez a coisa sob a coberta! Mas o pior foi o avô do O., quando ele casou... era o sobaco! Fabricava filho debaixo do sobaco!
>
> (risos)

N.T.: Aí, falaram assim: "Mas não é aí, não. É lá." E ele: "Nossa Senhora, mas que caranguejeira!"

A.F.: Ai, que trem bom! Nós estamos contando lorota não; é verdade!

Essa conversa, travada na saída da igreja, logo após a missa da manhã de domingo, mostra alguns pontos interessantes: em primeiro lugar, nota-se que as histórias sobre a vida sexual dos "nonos" casados são conhecidas e compartilhadas na comunidade, ou seja, de domínio público, motivo de conversas espontâneas e divertidas em rodas entre velhos compadres, descendentes dos personagens por eles caricaturados; em segundo lugar, três gerações pelo menos — dos imigrantes ("nonos") até seus netos — receberam, ao que indicam as falas, uma educação sexual rígida e pudica que, a partir do confronto entre os netos de imigrantes e a geração seguinte, seus filhos, ou seja, "hoje em dia", se tornou mais branda. O próprio tom da conversa, crítico e jocoso, mostra uma mudança de atitude no que concerne à moral sexual, antigamente tão silenciadora.

O sexo era, antigamente, para ser exercido quando enquadrado em uma relação conjugal abençoada pela igreja, cujo objetivo maior deveria ser a procriação. Sobre os solteiros, pairava uma espécie de sanção moral que informava como pecaminoso o celibato laico não casto. O espelho moral para a conduta sexual dos celibatários, aprovada socialmente, era o celibato eclesiástico que associava castidade, um de seus votos tornado público, à santidade. Tornar-se freira ou padre depende de uma vocação individual, sacrificial, no sentido de um desprendimento do "eu". Permanecer celibatária ou celibatário poderia ser, então, associado, se altruísta, à mesma condição elevada do mundo eclesiástico. Assim como a piedade filial lhes era característica, os camponeses celibatários aproximavam-se da casa de Deus, seguindo com fidelidade seus ensinamentos sobre sexualidade. São esses os altruístas, os deserdados do sexo, da terra e do céu, à medida em que em nenhum desses textos — corpo, casa e igreja — atuam como personagens protagonistas, ainda que saibam de cor seus papéis secundários.

Quem chegar por último é mulher de padre

> Mas se alguém julga o que parece ser desonra própria, quanto a sua filha donzela, o ir-lhe passando a idade de casar, e que assim convém fazer-se-lhe o casamento: faça o que quiser: não peca, se casar. Porque o que formou em seu peito uma firme resolução, não o obrigando a necessidade, mas antes tendo poder na sua própria vontade, e com isto determinou no seu coração conservar a sua filha virgem, bem faz. Assim que o que casa a sua filha donzela, faz bem: e o que a não casa, faz melhor.
>
> (I Cor 7, 36-38)

Este tópico é dedicado à história de vida de uma celibatária, cujo nome, fictício como os outros, é Elisa. Elisa nasceu na década de 20, em Venda Nova, neta de imigrantes italianos vindos, no final do século passado, da Província de Treviso, camponeses católicos. Elisa é a mais velha de uma família de nove filhos; com exceção dela e de um irmão padre, todos os outros casaram. Angelim, dos filhos homens o primogênito e, portanto, seguindo um padrão de sucessão italiano, herdeiro da "casa paterna", teve 10 filhos, sobrinhos que Elisa ajudou a "cuidar" e com muitos dos quais volta a morar, quando, após mais de 20 anos residindo na "casa do padre", retorna à casa onde nasceu. Da sua trajetória de vida, da *casa paterna* à *casa do padre* e novamente à casa paterna, destaca-se, para a construção do seu celibato, dentre outras, a categoria *tempo*: Elisa é aquela que *chegou por último*.

A vida de Elisa é, portanto, inserida em um contexto camponês e católico, cujos padrões de referência foram herdados de uma província do norte da Itália. O trabalho familiar na roça, especialmente a cultura cafeeira, feito de sol a sol, contava com o braço infantil. Trabalho e reza faziam parte do cotidiano doméstico de Elisa desde a infância; a noite era para as orações, assim como o dia era para a labuta. Não havia muito, especialmente para as mulheres, como escapar do previsível e naturalizado ciclo de vida, já rotinizado: trabalhar, rezar, casar, parir, reproduzindo, enfim, em cada um e na totalidade destes atos, valores de vida vendanovenses. A aliança impunha às mulheres uma ruptura com relação ao espaço doméstico:

da "casa paterna" à "casa da sogra"[3]; a descendência marcava rupturas no tempo, rememorado a partir do nascimento de cada filho.

Em Venda Nova uma das poucas alternativas para escapar a esse ciclo de vida era o celibato eclesiástico e muitas (Banck 1978: 69), tornando-se freiras, tomaram esse caminho. Trocando a casa pela igreja e substituindo a hierarquia doméstica pela hierarquia eclesiástica, nada mais faziam do que verticalizar valores institucionais, subordinando a vontade paterna à vontade de Deus-Pai; ao mesmo tempo, recrudesciam os valores produzidos pela casa camponesa, dado que sua vocação pelo celibato eclesiástico coincidia quase sempre com uma vontade do pai.

Nem casadas, nem freiras, algumas mulheres solteiras, cujo "natural" era a permanência na casa de origem, conseguiram redefinir seu celibato, rompendo com a casa paterna e indo para a casa do padre, onde assumiam o papel de *dona de casa*, um papel, no mundo camponês, considerado principal para as mulheres. Devido aos resquícios da herança de uma estrutura familiar que abrigava em uma mesma casa vários casais, sendo apenas um deles o casal "chefe do clã", como descreveu Zandonadi (1980: 83), ser dona da casa era mais significativo hierarquicamente do que ser casada, o que acabava por nivelar todos os outros membros do grupo doméstico, fossem eles casados ou celibatários, com bem expressou a Sra. V.F.P.:

> Eu morei seis anos com a minha sogra, minhas cunhadas... tudo junto, numa mesma casa! Quem mandava eram os velhos, e os filhos ficavam a mesma coisa que solteiros!

Elisa não experimentou tal situação; a casa na qual viveu abrigou apenas dois casais ao mesmo tempo, seus pais e seu irmão primogênito e esposa; isso porque, além da tendência de nucleação da família extensa em diferentes casas, o Sr. Giovani teve, além de Angelim, apenas mais dois filhos homens, um deles padre. Elisa não chegou, portanto, a residir em uma mesma casa com vários casais, dado que suas irmãs, ao casarem, iam para a casa da sogra ou para uma nova casa. Esse fato evidenciou, na casa paterna, principalmente quando herdada por Angelim, a "menoridade" de

3. Nem todas as mulheres recém-casadas iam morar na casa da sogra. Refiro-me aqui, especialmente àquelas casadas com herdeiros.

Elisa, então *cunhada* e *tia* — dois papéis colaterais relacionados à sua condição celibatária.

Bem antes de "ir-lhe passando a idade de casar", Elisa tentou sair de casa para o colégio; isso, porém, só seria permitido pelo pai, se Elisa se tornasse uma celibatária eclesiástica, o que não coincidia com a sua vontade. Por volta dos 40 anos de idade, quando já "titia", Elisa, com a permissão paterna e o incentivo de seu irmão, Padre Leandro, saiu da casa paterna, onde já se sentia sobrando, deslocada, sem um papel definido, para a casa do Padre Braz e assim, em um outro município do Espírito Santo, trabalhou durante duas décadas na casa paroquial, morando durante todos esses anos com um mesmo padre. Até que, recentemente, com a transferência do Padre Braz de paróquia, Elisa não teve outra opção, senão retornar à casa onde nasceu e viveu por mais de 40 anos, sentindo-se agora, contudo, mais do que nunca, como que na "casa dos outros".

A história de Elisa

Eu sou a primeira filha do seu Giovani. Antigamente, os italianos não deixavam a gente brincar muito não. Desde a idade de 8 anos a gente já começava a trabalhar. E nós éramos todas moças, o papai tinha o Angelim, mas o Angelim era novo, tinha três acima dele. Quer dizer que nós três é que sofremos na roça. A gente era muito obediente, não é que nem hoje, que precisa falar, gritar, bater, não! O olhar do pai educava o filho. Eu trabalhei muito na roça, mas em casa também, nas horas vagas ou à noite ou quando chovia. A mamãe gostava que a gente aprendesse a fazer os trabalhos de casa, aprendesse a costurar... com 15 anos eu já sabia costurar, costurava para os meus irmãos. Mas eu mesma não ajudei muito em casa, porque no meu tempo de moça, até a idade de 25, 26 anos, tinha a vovó e a minha mãe que trabalhavam em casa. E tinha uma tia, irmã do papai.

Uma coisa que eu gostava era de ter estudado mais. Estudei muito pouco! Papai me ensinou, em casa, o ABC, o AEIOU, mas ele era meio bravo com a gente, não tinha paciência, então a gente tinha medo e acabava não aprendendo. Eu tinha loucura pra estudar, pedi ao papai que me colocasse em um colégio, mas... ele só ia me deixar ir, se eu fosse ser irmã de caridade, freira. Aí, eu falei com ele que não, que eu queria ser professora... eu tentei ir pro colégio até a idade de 17 anos; era a minha paixão! Papai acabou falando um dia com o Padre Benito: "Pergunta a ela se ela quer estudar mesmo". O Padre Benito falou: "Elisa, você quer estudar mesmo, você quer ir para o colégio?". Falei: "Quero! Eu quero ser uma professora diplomada". O padre disse: "Então, nada feito, porque seu pai só deixa você ir se for pra ser irmã de caridade". Ah, mas eu fiquei numa paixão, numa paixão tão grande...

Eu morei com meus pais mais de 40 anos. O Angelim, quando casou, ficou na família, não saiu pra casa própria dele. Antes do Angelim, já tinham casado duas irmãs mais velhas, depois, as outras foram casando... casou Maria, casou Ruth, casou Marta; e eu fiquei! Eu não me sentia assim... com aquela vocação pra casar, não. A minha vocação era ir para o colégio, ser professora. Agora, nunca pensei em ser irmã de caridade. Eu via as irmãs e pensava: "Não, não me atrai nem um pouquinho!" Eu não dava pra ser freira, nem pro casamento. Agora, pra ser professora, sim! Eu gostava de ensinar os meninos do Angelim. O meu sonho era ter feito como São João Bosco, ter pulado a janela e ter caçado o caminho de um colégio. Mas a gente era muito obediente... o dia em que o Padre Benito perguntou o que eu queria ser, eu falei "professora" e ele disse "então, nada feito!", pra mim, a vida acabou. O papai... sabe o que eles achavam naquela época? Eles achavam que professora era uma classe baixa. Os pais gostavam dos filhos em volta deles, não deixavam os filhos saírem. Então... as outras casaram e eu continuei na casa, junto com meus pais, trabalhando. Trabalhei na roça muitos anos. Quando as minhas irmãs todas casaram, eu comecei a trabalhar em casa, porque morreu a vovó, morreu a titia... e eu ajudei a cuidar dos filhos do Angelim. Eu ajudei a esposa do Angelim a criar os 10 filhos dela! Esses meninos que estão aí.

Eu morei 22 anos fora de Venda Nova, trabalhando na casa paroquial, saí de lá há um mês. O Leandro, meu irmão, Padre Leandro, ele foi para aquela paróquia, ele e outro colega, o Padre Braz. O Leandro achava que uma casa que não tinha uma mulher para administrar, governar, costurar, receber uma pessoa... ele achava muito estranho. Então, como eu já estava na idade mais avançada, eu devia ter os meus 40 anos... então, ele viu que eu estava numa solidão... numa fazenda, não tinha estrada, não tinha nada! Ele falou assim: "Ah, maninha, as outras já casaram, você fica aqui dentro desta casa toda vida... vamos para a paróquia comigo!" Eu fui... e acabei gostando. Perguntei a papai se eu podia ficar lá, que eu estava gostando... ele falou que as outras tinham casado e que eu também tinha direito de escolher o que eu queria. Eu adorava aquilo lá! O meu irmão só ficou cinco anos, mas ele conversou com o Padre Braz, falou: "O que você quer? Que a Elisa fique com você ou eu vou levá-la de volta?" Aí, ele falou assim: "Ela pode ficar aqui comigo, é bom, ela ajuda a administrar, a governar a casa". Eu fiquei! Até um mês atrás. Servindo um mesmo padre! O Padre Braz.

Eu gostava muito de servir à casa paroquial, acho que eu não tinha que sair de lá. Tiraram a minha vocação, as minhas atividades, tudo o que eu gostava, me esvaziaram. Francamente! Foi uma coisa muito... desagradável. Ah, eu me sentia na minha casa! Foi uma ingratidão, porque eu me doei, fui uma voluntária nesses 22 anos! Leandro, ele ligou pra mim, uns dois dias antes de eu sair de lá, e disse: "Elisa, você vai pra Venda Nova? Ah, eu acho que você não devia ir; lá, cada um tem a sua família, você vai ficar na solidão outra vez". Eu devia ter ouvido a palavra dele... acabou a minha vida, acabou a minha alegria, parece que, pra mim, tudo se acabou. Acho que foi uma injustiça muito grande, não se joga fora de qualquer maneira uma pessoa que trabalhou durante 22 anos! Sem motivo!?

Uns tempos antes de eu sair de Venda Nova, eu era muito doente, então eu fui a um médico daqui e não descobri o que eu tinha. Ele me mandou pro Rio, fiquei três meses e o médico falou com uma prima minha: "Olha, a sua prima não tem nada, a doença dela é que onde ela mora não é lugar pra ela. Porque, lá, ela tem o irmão, tem o pai e a mãe, mas o assunto do pai e da mãe não é pra ela, o irmão tem a sua família... quer dizer que ela está vivendo na solidão". Parece que eu vou acabar caindo na mesma solidão. Deus me livre! Olha, eu passei os primeiros 10 dias aqui, sem dormir, sentada em uma poltrona a noite inteira, em desespero... eu saí da minha casa, estava na casa dos outros... uma loucura!

Eu nunca pensei em passar por uma situação dessas. O meu médico daqui, quando eu cheguei, ficou apavorado, falou assim: "Eu não queria estar no seu lugar". Será, então, que o outro, como padre, não sentia o mesmo?! Ele sabia que ia me magoar, ia tirar as minhas atividades, o meu trabalho, as minhas amizades... ele me tirou da minha casa! Tirou da minha casa e me colocou na casa dos outros! Se pelo menos ele tivesse me preparado para isso... mas foi tudo de repente! Nem satisfação à minha família ele deu! Se pelo menos alguém tivesse me alertado: "Pensa bem, Elisa, depois que você tiver colocado o pé na rua, você perde os seus direitos".

O Padre Braz levou a outra com ele, a cozinheira... mas eu que fazia tudo na casa! A casa paroquial era como se fosse minha, eu administrava, fazia as compras... o Padre Braz não se envolvia com nada dentro de casa, ele nem precisava saber o que era o trabalho doméstico. Nos primeiros anos, eu engordava dois porcos por ano, tinha galinha, tinha horta... eu, com 22 anos lá... era a minha casa! Eu fiquei muito sentida com a maneira como aconteceu, podia ter sido com mais amor, sem me ofender, sem me machucar, sem me magoar... eu fiquei angustiada, de uma maneira! Eu achei que o Padre Braz não soube conversar comigo, não soube me tratar direito. Quando ele me disse que ia ser transferido de paróquia e que eu tinha que voltar pra Venda Nova, ele foi... ele me machucou muito.

A casa do pai de Elisa contou, em duas gerações, com pelo menos duas celibatárias, duas "tias": a irmã de Giovani e a irmã de Angelim. O celibato é uma prática que se repete, portanto, nas primeiras gerações, para a reprodução da casa camponesa: duas "irmãs de alguém" não foram transformadas em "mulheres casadas"; ao invés de troca, houve recusa, retenção de mão-de-obra, retenção de dote, retenção de herança consangüínea (no sentido de não gerar descendentes). O celibato laico camponês é construído por recusas, retenções, negações.

A celibatária do "tempo antigo", além de não ganhar a "parte", ficava sem o dote que era constituído, literalmente, por um baú com importantes peças de enxoval discriminadas em um documento assinado pelo pai da noiva, às vezes uma máquina de costura, dentre as famílias mais abastadas:

> As mulheres, quando casavam, ganhavam o enxoval, a "dota". Material de roupa de cama, de cozinha, roupa de vestir ... quem ganhava muito, ganhava uma máquina de costura. Não tinha herança. Mulher não tinha herança. Aí, eles diziam assim: "casa com quem tem, que você vai ter herança do mesmo jeito". (Sra. V.F.P.)

A celibatária, portanto, mais do que o celibatário, é deserdada três vezes, como no caso de Elisa: deserdada da terra, deserdada do dote e deserdada do estudo; este era considerado também uma forma de herança, principalmente entre os celibatários eclesiásticos, que trocavam, via estudo, a terra dos homens pelo reino dos céus. Mais do que isso, a mulher, diferentemente do homem, é socialmente considerada deserdada da sorte de casar, como foi visto no tópico anterior.

A vontade paterna proibiu Elisa de exercer, fora de casa, uma profissão "do mundo": o magistério, considerado "baixo". Elisa, nem noiva de Cristo, nem noiva de um homem, acaba por tornar-se, então, "mulher de padre", única outra alternativa viável que encontrou para deixar pai e mãe, sem que o peso do olhar paterno recaísse sobre si. Desde cedo, o que a singulariza na família é a sua "paixão" por, indo para um colégio, tornar-se professora. A palavra paixão, muito usada para expressar a sua "vocação" para o magistério, vale uma interpretação: o significado bíblico da palavra é sofrimento, pois designa o sofrimento suportado por Cristo para a nossa salvação. Elisa refere-se à sua vocação como uma paixão, quase como se dissesse sofrimento: "ah, mas eu fiquei numa paixão, numa paixão tão grande..."; o sofrimento suportado por cumprir uma vontade do Sr. Giovani. O sonho em ser como o "apóstolo do amor educativo", livre para "sair por uma janela" (fugir de casa), e "caçar o caminho de um colégio", é muito significativo. Elisa não tinha atração nem por ser freira, nem por ser casada; queria, como São João Bosco, ensinar, mas o dever filial a impediu. Elisa contrasta a proibição real que lhe impôs o pai camponês, à liberdade que o santo católico representa no seu imaginário. A igreja surge, então, apesar da concordância do Padre Benito com o Sr. Giovani, como uma instituição libertadora, a nível do imaginário, das obrigações filiais com a casa.

Com relação à atitude do Padre Braz, mais propriamente do que com relação ao ato que culminou com o retorno à casa paterna, Elisa sentiu-se indignada, injustiçada, desesperada, magoada, expropriada, ofendida, angus-

tiada etc.; sentimentos análogos aos conseqüentes de uma separação conjugal indesejada. Pode-se considerar que Elisa, após duas décadas residindo na casa do padre, pense a si própria enquanto uma *dona de casa=mulher casada*, tendo invertido o dito "quem casa quer casa", para: quem quer casa... "casa". Elisa, "descasada", faz o retorno: casa do padre/casa paterna; estes dois espaços são agora percebidos como "minha casa"/"casa dos outros". Celibatária, Elisa deixou um lugar familiar (casa paterna), por um lugar estranho (casa paroquial); "descasada", a situação se repete, deixa um lugar familiar (casa paroquial), por um lugar estranho (casa paterna). Esse segundo momento de sua trajetória é agravado, na medida em que perde o "status" de dona da casa, para cunhada da dona da casa, e passa, simbolicamente, da condição "mulher de padre" à condição "descasada de padre". A fala de Elisa dramatiza o medo da mesma solidão que vivenciou antes de deixar pai e mãe; a humilhação de voltar à casa de origem, onde não era mais filha, mas cunhada e tia, sem que o Padre Braz desse à sua família uma satisfação quanto ao motivo da "separação"; e a surpresa de que, se até um médico entendia a gravidade do seu drama, por que não o Padre Braz, com quem, afinal, conviveu por 22 anos?

A brincadeira infantil que intitula este tópico, conhecida e vivida tanto por mim, quanto pelos vendanovenses — "quem chegar por último é mulher de padre!" —, consiste em uma corrida de pequena distância, um pique, cuja largada é dada pela frase citada, onde a última criança, seja ela menina ou menino, a chegar a um ponto previamente determinado (uma árvore, um muro, uma casa, etc.) é ovacionada pejorativamente pelas outras crianças, com a seguinte ofensa verbal: "Fulano é mulher de padre! Fulana é mulher de padre!" Tal jogo merece uma interpretação em função da situação tornada real de algumas "perdedoras": as "mulheres de padre"[4].

Vamos a ela. Primeiramente, temos dois tempos em dois níveis de acontecimentos: o *tempo lúdico* que as crianças ocupam com tal brincadeira, ela mesma estruturada basicamente sobre o tempo, a corrida que, ao invés de evidenciar e premiar os vencedores, evidencia o vencido; e o *tempo real* metaforizado pela brincadeira, o tempo perdido na corrida pelo casamento, de acordo com uma leitura antropológica possível. No "jogo lúdico", todos

4. Devo algumas idéias para essa interpretação ao texto sobre o significado do jogo de bolinhas de gude, uma simbólica da masculinidade (Carvalho 1990).

os participantes querem chegar antes do último, mas o personagem principal, que dá sentido à brincadeira, é o último a chegar. No "jogo real", há um tempo de casar e quem "passa do tempo", ao invés de ovacionado, ainda que pejorativamente, é silenciado, invisibilizado. O "castigo" é, contudo, o mesmo, ambos os vencidos tornam-se, no mundo lúdico e no real, "mulheres de padre". Há uma discrepância entre os dois tempos: o lúdico não é categoria diferenciadora de gêneros, à medida em que, ao menos no que retenho na memória da minha própria vivência, além das conversas diversas que tive sobre a brincadeira, ser "mulher de padre" ofende igualmente a meninas e meninos, dado que ser "mulher de padre" é uma condição tão "viscosa"[5] que, antes de categorizar gêneros, representa a desordem da junção profana das coisas laicas e eclesiásticas. Já o tempo real diferencia os gêneros, na medida em que a mulher "passa do tempo" de casar, enquanto o homem casa "a hora que quer"[6]. No mundo camponês estudado, algumas mulheres encontram uma brecha na construção social de um tempo (após 25 anos de idade) e de um espaço (casa paterna) que naturalizam o celibato feminino. Ainda que vencidas no jogo real, vencedoras *do* jogo, pois manipulam de tal forma as regras de uma estrutura familiar que decide tanto sobre casamentos, quanto sobre celibatos, que conseguem, apesar de "menores de idade", tornarem-se, quando na "idade mais avançada", donas de casa, como que mulheres casadas.

Quem chega por último, na brincadeira, não o faz propositadamente, mas — frente aos outros "competidores" — em função de uma deficiência. Existem, embutidas nos significados do jogo (do lúdico e do real) tanto uma lógica — "quem chegar por último", isto é, a lógica da competição —, quanto uma moral — "é mulher do padre", isto é, a moral que castiga e estigmatiza os vencidos. O jogo é, então, uma espécie de "idioma infantil" do celibato; pode-se ver nele um texto onde os papéis de mãe e esposa, que constroem ritualmente o gênero feminino vencedor e "sagrado", são indiretamente reafirmados, em oposição a um gênero feminino vencido e "sacrílego"; a celibatária que não gera matrimônio nem descendência legítima e,

5. Mary Douglas refere-se, em *Pureza e Perigo*, à impressão sensorial ambígua das coisas viscosas; uso o termo "viscosidade" enquanto uma sinestesia; "mulher de padre" é uma condição ambígua e sacrílega, localizada na fronteira entre o matrimônio e o celibato eclesiástico, duas condições abençoadas (Douglas 1976).

6. Essa autonomia masculina é, na verdade, mais idealizada do que realizada.

além dessa "esterilidade", transgride a ordem, "casando-se"[7] com um celibatário, a quem o poder eclesiástico proibe o casamento.

Elisa, assim como outras entrevistadas, conseguiu aproximar-se da condição de casada, na medida em que se tornou "mulher de padre" e, por conseguinte, "dona de casa", quando saiu da casa do pai para a casa do padre. Segundo a definição de um informante do município capixaba de Santa Maria de Jetibá, que também cabe para Venda Nova do Imigrante, sobre costumes antigos, "quem mandava na casa, quem era o chefe, era quem usava as calças". Elisa, a que chegou por último, torna-se dona da casa de um homem que "usa saias", Braz, um celibatário eclesiástico, cuja sexualidade é definida publicamente pela castidade. Em um nível simbólico, as mulheres de padre são aquelas que chegaram por último na corrida contra o tempo de casar; contudo, essas mulheres utilizaram-se de um recurso que redefine seu celibato, aproximando-o da conjugalidade; portanto, embora "vencidas", estigmatizadas, tornam-se "vencedoras". O depoimento de Elisa, uma celibatária camponesa exemplar, que se pensa como uma mulher "descasada", ilustra bem a utilização desse recurso.

O tempo surge, enquanto uma categoria sociológica que constrói o celibato de Elisa, na medida em que "casou Maria, casou Ruth, casou Marta; e eu fiquei!"; Elisa "ficou", passou do tempo de casar. Elisa pensa a sua condição em relação à *casa* e em relação ao *tempo* de casar; duas categorias que referenciam fortemente a condição celibatária das camponesas. É importante notar que Elisa só saiu de casa com o consentimento paterno, quando na "idade mais avançada", isto é, quando já tinha passado do tempo, em dois níveis que podem ser compreendidos através da categoria "servir": no nível social, ou seja, cumpriu a prestação de serviços à casa paterna; e no nível natural, ou seja, passa a ser considerada mulher estéril, sem possibilidades de constranger valores morais, gerando filhos bastardos, usurpando a herança consangüínea. Elisa passa, então, a servir ao padre e à casa do padre; a categoria é carregada de altruísmo, doação, abnegação; serve, mas não é "servida".

A trajetória espacial/temporal de Elisa dramatiza a condição celibatária no mundo camponês. A categoria tempo que constrói seu celibato refere-se também ao ritmo da história vendanovense: em um primeiro momento,

---

7. Note-se que a conjugalidade de Elisa é vivida no nível das representações simbólicas.

denominado "tempo antigo", Elisa serve à casa do pai; em um segundo momento, que emerge com a rodovia BR-262, Elisa serve à casa do padre. "Hoje em dia", não mais são construídos celibatários e celibatárias, no sentido do celibato enquanto uma prática de reprodução da casa camponesa que serviu a um momento estrutural específico, quando a relação com a terra (patrimônio) demandava casais e celibatários. A casa camponesa não é mais a mesma, tanto que Elisa, dentre outras, encontrou-se, a certa altura, sem serventia.

Outras histórias

A história de Tarcila

Eu namorei um rapaz 11 anos, Narciso, meu primeiro namorado. Depois, eu nunca mais quis saber de casamento... Meu pai não gostava dele, minha mãe detestava, mas eu gostava... aí, ele começou a namorar outra, até casou com ela, mas não viveram bem, só viveram bem um ano.

Meu pai era Juarez Dordenoni e minha mãe era Ergía Spadeto. A mamãe era dura, mas o papai também não era fácil! Só olhava! Nós nunca respondemos, nenhum filho! Quando eu quis estudar, o meu pai não deixou. Porque filha, ele falou que não era pra estudar, era pra trabalhar. Naquele tempo, as mulheres não saíam de casa, né? Só ficavam em casa. Naquele tempo a mulher não tinha valor em nada. A mulher era escrava do marido, minha mãe era escrava, ela tinha que ficar abaixo de ordem. Passou uma vida, minha mãe! Eu sei, nasceram todas as crianças em casa, sem ajuda de médico. Nossa Senhora! Ela teve 13 filhos e todos nasceram em casa! Ainda estou aqui, mas eu não casei. Todos casaram, só eu solteira.

Mas, quando o namoro terminou, eu falei: "agora eu vou aprender a costurar"; eu já estava com mais de 30 anos e fui aprender a costurar roupa de alfaiate. Mas antes, eu ajudei a cuidar dos meus sobrinhos, a fazer a vida deles! Eu tinha vontade de costurar, mas com máquina... aqui não tinha máquina naquela época. A mamãe não queria me deixar ir, mas eu pensei: "se eu for pelo que ela manda... até ela morrer eu vou ter que ficar junto dela"; eu fui! Só que lá era um ambiente meio sem-vergonha, eu pensei: "acho que não vou ficar, porque... sei lá o que vai me acontecer!?"; eu já estava de idade, mas eu tinha medo assim mesmo. Porque na roça é diferente, eu fui criada sempre presa, ali com a minha família, né?

Eu não me arrependi de ficar solteira, tenho uma vida boa. Porque eu faço o que quero! Ter casado, pra passar o que a mulher do Narciso passou... nossa Senhora! Por isso que a mamãe não queria. Eu estaria no lugar dela, né? Foi Deus quem não quis, acho que eu não merecia.

A história de Clarice

Eu queria ir pro colégio, mas a "mama"... Eu dizia: "quero ser professora"; e a "mama": "você vai, só se você quiser ser freira". Eu tinha uma vontade de estudar, sabe? Ser freira, eu não queria. Continuei trabalhando em casa, já tinha 15 anos. Depois, casou outra irmã minha, mais nova do que eu... casou o meu irmão mais velho e veio a nora, misturou a família. Depois, meu outro irmão e minha irmã mais velha foram para o colégio religioso, ele pra ser padre e ela pra ser freira... eu continuei morando com meus pais, né? Até que um dia, apareceu um irmão marista lá em casa e eu fui com ele, fui pra casa dos padres lá de Vila Velha, pra trabalhar. No começo eu senti muito a mudança, mas eu sentia necessidade de deixar espaço para as minhas sobrinhas, porque... eu estou aqui, não me casei; né? Eu estou solteira porque eu quis, eu não queria me casar. Eu não sou frustrada por isso.

A divisão aqui não foi bem feita não, sabe? Nós mulheres não ganhamos nada, nada, nada, sabe? Veja como eram os italianos antigamente... o meu pai passou toda a terra no nome do meu irmão mais velho! Agora, ainda tem esse terreno dessa chácara aqui... o meu irmão quer me dar um lote, mas esses meus sobrinhos são difíceis; eles são duros! Eu ajudei a criar todos os meus sobrinhos, porque a minha cunhada... com muitos filhos, né? Enfim, se eles têm isso que eles têm hoje, eles têm que me agradecer, né? Mas esses meus sobrinhos ficaram com uma ganância! Outro dia - brincando - eu disse assim: "bom, eu tenho que bater em algum lugar, porque embaixo da ponte eu acho que não vão me deixar ficar!" Seria bom se eu tivesse uma casinha, mas eu não me preocupei comigo. Eu sempre achava: "Ah! Eles vão me dar alguma coisa!"; eu sempre esperava...

Eu tenho oito irmãos. Tem Maria Teresa, casada, 14 filhos! Tem o Clementino, também casado, 9 filhos. A religiosa é depois desse meu irmão, a Dolores. Depois tem a Bernadete, 12 filhos! Eu sou abaixo da Bernadete. Depois tem a Gracinda, 14 filhos! Depois tem a Onília que é irmã. Tem o Vainor e tem a caçula.

Eu até que gostei de um rapaz, mas ele era de fora. E como eu sabia que a "mama" não gostava de gente de fora... eu não liguei, mas, eu mesma não sentia vontade de casar. Todo mundo fala que o meu pensamento era mais evoluído. É verdade! Tanto para a vida de casada, como para a vida de religiosa. Eu também não me casava porque... eu achava os homens muito... os homens, antigamente, eles eram muito... brutos, né? Só queriam filhos! Eu não me casava mesmo, pensando nisso; mas eu não podia falar isso com a "mama", porque ela ia me repreender, ia falar: "poxa vida, você não pode ficar... deixar de casar por causa disso". Esses homens, antigamente, eles não tinham muita coisa... eram brutos! Eu não tinha vontade mesmo! Mas a "mama" tinha um sentimento religioso muito rígido, ela dizia assim: "Meu Deus! Se os meus filhos fizerem alguma coisa errada..."; ela achava que Deus ia cobrar dela!

Sobre Clarice

A Clarice teve oportunidade de se casar. Eu tenho a impressão que a opção dela foi forçada, teve o motivo dela ver as dificuldades que as irmãs dela enfrentaram nessa situação machista. Ela, atualmente, deve estar com uns 66 anos e ela fala claramente que as irmãs têm muitos problemas e muitas dificuldades. Ela faz humor em cima da solteirice dela, mas ela diz que o que mais pesou para ela ficar solteira foi o problema que as irmãs dela, bem casadas, enfrentaram. Foi por um questionamento da postura da situação da mulher no tempo em que ela viveu; por isso ela não se casou. (Vitória)

As histórias de Elisa, Tarcila e Clarice são, estruturalmente, a mesma história: filhas conservadas celibatárias por uma decisão paterna aliada a uma "falta de vontade"; mão-de-obra retida para o trabalho na terra e para o serviço doméstico; "tias". A celibatária serve, portanto, à casa e à terra dos outros, cuida dos filhos dos outros, dos pais dos outros, da herança dos outros; é construída e referenciada na relação:

filha/pais
irmã celibatária/irmãs casadas; irmãs freiras
filha deserdada/filho herdeiro
filha/nora
irmã/esposa
tia/mãe;

na qual assume o papel do "outro". Se "naquele tempo, as mulheres não saíam de casa", as mulheres celibatárias então...! A construção da celibatária (e também do celibatário) como "outro" fica clara nos papéis submissos, secundários, invisibilizados enfim, que assumem nas relações de parentesco dentro da casa paterna, espaço que localiza a construção da condição na esfera privada.

A vontade de deixar pai e mãe realizada nessas histórias não é a regra. As celibatárias, geralmente, ficam na casa paterna, sem nunca terem saído, como é o caso, por exemplo, de três irmãs celibatárias entrevistadas (o grupo doméstico formado por irmãos, tios e sobrinhos celibatários não é nenhuma raridade em Venda Nova do Imigrante), com idades de 61, 59 e

56 anos, que ainda serviam à casa, trabalhando na roça e cuidando do pai, um italiano de 91 anos de idade:

> Naquele tempo, nós tínhamos medo de sair de casa, de ir pra longe. Não confiávamos nas pessoas estranhas... cisma! Por causa dos pais também... eles não gostavam que a gente saisse.
>
> Eu nunca pensei em casar. Não tive coragem, a vida de casada era dura! Mas eu achava que as minhas irmãs [Adelaide e Rosa] iam casar, só que elas me acompanharam...
>
> Hoje, a gente reza o terço com os Mistérios do Rosário só em três, porque o papai não quer mais nem saber de ficar em pé. Ele jantou, vai pra cama. (Emilia)

As três histórias registradas neste tópico mostram, contudo, que "deixar pai e mãe" significa uma ruptura com a casa paterna, que é o mesmo que dizer uma ruptura com uma estrutura doméstica que destina à celibatária o papel de "menor". A saída da casa é entendida por elas como um ato de liberdade e aventura que, porém, só pode ser tomado quando não têm mais serventia para a casa paterna. É interessante notar que a vontade de estudar (sair de casa) é reprimida em função da obrigação filial de trabalhar e cuidar dos pais (ficar em casa).

O parto e a mudança para a casa da sogra, exemplificados nos casos da mãe e das irmãs, são considerados motivos para o celibato que as livra da "brutalidade" dos homens de antigamente que "só queriam filhos"; e o número de filhos antigamente era, como foi visto, realmente grande. As mulheres celibatárias justificam a sua condição em função de uma "falta de vocação" para os papéis de esposa/mãe e freira, e não em função de uma "vocação" para o celibato; pois como poderia haver justificativa para a escolha de uma condição tão invisível socialmente, construída, enfim, como o "outro" em qualquer relação circunscrita ao mundo doméstico? A explicação para tal condição se faz por uma ausência e não por uma presença. É uma explicação negativa que sugere a introjecção de um sentimento de deficiência. Se a mulher "fica para casar" por uma "deficiência" qualquer, como a "frieza", a "falta de serventia", o celibato, por sua vez, "seca" a mulher. Essa é uma percepção muito presente nas representações simbólicas daquela que "caiu de madura".

Em seu texto *A Casa e a Rua*, Da Matta (1987) mostra a casa como um espaço de ausência de conflito e de tempo diferenciado, um espaço de

tempo cíclico, rotineiro, repetitivo; em contrapartida, a rua surge como um espaço das mudanças, um tempo imoral, histórico, linear, desencantado. Aliança e descendência são rupturas, passagens, movimentos que provocam mudanças na concepção social de espaço e tempo. Se o celibato for pensado como uma condição que não gera tais movimentos, os atores celibatários, então, vivenciam a casa e o tempo através de um movimento encantado, indiferenciado, parado, em relação à casa e ao tempo conjugal.

As celibatárias, quando relembram o passado, falam de um tempo contínuo, encantado, de uma vida que se seguia com constância; quando falam do presente, é da impossibilidade do desencantamento, do movimento que gera rupturas, conflitos e contradições manifestas. *Continuar* (passado) na casa do pai é diferente de *estar* (presente) na casa do pai. A história de vida de algumas dessas mulheres coloca no passado a tênue possibilidade da ruptura com o cotidiano encantado: continuar na casa paterna significa a possibilidade dessa mesma continuidade ser interrompida. Hoje, essas mulheres, em média com 60 anos de idade, falam em estar na casa paterna, a essa altura herdada pelo irmão, quase como se dissessem morrer na casa paterna, nunca ter saído, nunca o movimento; com exceção daquelas que se tornaram "mulheres de padre" ou "mães-solteiras". O ciclo de vida delas é quase que atemporal, no sentido de uma vida que não gerou as rupturas do matrimônio e da descendência que, naquele universo camponês, são as mais fortes referências de vida, ritos de passagem que desencantam a monotonia do tempo e da casa camponesa.

Algumas conclusões

O nosso imaginário é povoado, desde a infância, de santinhos e heróis em quadrinhos, personagens ambíguos que se singularizam, obviamente não só por seu celibato, mas por habitarem um lugar fora do mundo, regiões inacessíveis, nas quais são investidos de poder superior aos homens que os "lêem". Pode-se dizer, de forma genérica, que tais personagens, transitando entre o nosso e um outro mundo, são diferenciados na medida em que se desligam das coisas mundanas, como a sexualidade, a conjugalidade e a descendência. O celibato é, então, a condição que melhor cabe aos personagens por nós sobre ou super-humanizados.

As celibatárias camponesas por mim entrevistadas são o contraponto desses personagens idealizados que compartilham de sua condição celibatária. Angelina, Elisa, Tarcila e Clarice, dentre outras, trazem para o mundo doméstico, para o cotidiano camponês, a concretude de uma condição avessa, invisível; altruísta ou egoísta, laica ou eclesiástica, maldita ou bendita.

A minha leitura do celibato buscou as subjetividades da condição; ou seja, buscou *pessoas* celibatárias. Assim como o imaginário cristão tende a associar o celibato à castidade, por vezes identifica-o também à solidão. Afinal, ser celibatário significa, genericamente, não ser um casal, ser só. E "não é bom que o homem esteja só" (Gen, 2, 18). Talvez devesse ter me aprofundado nessa identidade; contudo, fazer a antropologia da solidão subjetivamente leva muito mais "tempo etnográfico" do que o que me foi possibilitado. Vou, a título de conclusão desse trabalho e incentivo a outros, apenas localizar no texto dois personagens "solitários": Elisa, a "mulher de padre", e Angelina, a "concubina de satã".

Tais personagens podem ser considerados solitários, porque seu celibato os afasta "do mundo", em especial do mundo das relações conjugais "naturais". São ambíguos, à medida em que exercem um tipo de casamento "fora do mundo", recusando o casamento "no mundo". As núpcias contraídas simbolicamente formam, nos dois casos, pares anômicos — "fora das leis": Elisa e seu par casto; Angelina e seu par incasto. São personagens cuja conjugalidade simbólica reconhece solitária a sua condição celibatária:

celibato "no mundo"	casamento "fora do mundo"	conjugalidade simbólica
Elisa, a carola	sobre-mundo (na medida de sua aura de castidade)	"mulher de padre" com o padre
Angelina, a mundana	anti-mundo (na medida de sua incontinência)	"concubina de satã" com o público

O depoimento de uma "esposa legítima" reforça a idéia da solidão no celibato, condição considerada pior do que o casamento, ainda que este possa ser uma "cruz pesada":

Eu acho o casamento uma coisa boa. Acho que a pessoa, quando tem os pais vivos, tudo bem, mas, e depois que os pais morrem? Se a gente não tem um companheiro, uma família, como vai ser? O casamento é uma cruz pesada... tem vezes que a gente engole sapo! Mas a vida é muito pior solteira do que casada. A solidão é triste! (Sra. E.C.)

A moral dos contos de fadas que começam com o "Era uma vez..." até o "Casaram-se e foram felizes para sempre", por certo não passou ao largo das histórias de vida das celibatárias que entrevistei. O mundo camponês, e aquela comunidade camponesa em particular, é um mundo que exacerba a conjugalidade. Nessa perspectiva, as pessoas não casadas, por isso de certa forma invisibilizadas, silenciadas, marginalizadas, têm muito a falar da condição avessa do casamento, e a Antropologia tem muito o que ler.

BIBLIOGRAFIA

BANCK, Geert Arent. 1978. *Estratégias de Sobrevivência em Duas Comunidades Ítalo-Capixabas*. Espírito Santo: Fundação Ceciliano Abel de Almeida.

CARVALHO, José Jorge de. 1990. O Jogo das Bolinhas. Uma Simbólica da Masculinidade. *Anuário Antropológico*/87: 191-222. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Editora UnB.

DA MATTA, Roberto. 1987. *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Guanabara.

DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.

GROSSI, Miriam Pillar. 1989. "Jeito de Freira. Estudo Antropológico num Convento de Santa Catarina". Florianópolis: UFSC. Mimeo.

KRAMER, Heinrick & Jacobus SPRENGER. 1976. Malleus Maleficarum. *Planeta*. Edição especial. São Paulo.

LEACH, Edmund. 1983. "Aspectos Antropológicos da Linguagem: Categorias Animais e Insulto Verbal". In *Edmund Leach* (Roberto DaMatta, org.). São Paulo: Ática.

PERNOUD, Regine. 1984. *A Mulher no Tempo das Catedrais*. Lisboa: Gradiva.

RODRIGUES, Lelia Lofego. 1991. *O Avesso do Casamento: uma Leitura Antropológica do Celibato entre Camponeses Ítalo e Teuto-capixabas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, UnB.

SANTOS, Francisco José Alves dos. 1990. *Sangue e Sexo no Sertão*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, UnB.

ZANDONADI, Máximo. 1980. *Venda Nova. Um Capítulo da Imigração Italiana*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas.